

Guilherme Fraga
Extensivão- manhã

Brasileiro, o povo Cortês.

A morte da personagem criada por Luís Fernando Veríssimo, chamada de “Velhinha de Taubaté”, causou grande impacto no ano de 2005. Desde sua criação, em 1983, ela tinha por características acreditar em todos os governantes do Brasil, motivo pelo qual recebia a alcunha de “último bastião da credulidade nacional”. Seu falecimento gerou inclusive repercussão no Congresso, já que, devido ao acúmulo de denúncias sobre o escândalo do Mensalão, no primeiro mandato presidencial do PT, a velhinha que tanto cria na integridade dos políticos não resistiu e infartou.

Hoje, em plena época de eleições, já não lembramos mais da figura da velhinha. Pois deveríamos. A metáfora da cidadã crédula se aplica ao povo brasileiro apenas na cômoda esperança que sustenta de que as coisas, do jeito que estão, vão melhorar. De resto, todos sabemos que o governo rouba, e o próprio reconhecimento do fato já está virando clichê.

Mundialmente somos conhecidos como um povo extremamente cortês. Ao contrário de ser um motivo de orgulho, este reconhecimento é motivo de vergonha. Somos considerados o único povo que não se revolta com os abusos de seu governo.

O poder reside no povo, e, se pegarmos um exemplo, os romanos já sabiam disso há milhares de anos atrás. Na Roma antiga, os plebeus faziam greves, em defesa de seus direitos, contra os patrícios e o senado e obtinham sucesso. Se isso funcionava há dois mil e quinhentos anos atrás, hoje certamente funcionaria (ou pelo menos deveria funcionar) também. Ao contrário da velhinha de Taubaté, que crê inocentemente nas promessas do governo, nós que sabemos da roubalheira, temos que agir.

No entanto, não basta apenas sair às ruas quebrando tudo em tom de protesto. Não requer inteligência alguma pegar um martelo e pôr abaixo uma placa de “pare”, mas requer planejamento e esmero conseguir colocar uma no local certo. Enquanto não tomarmos uma atitude concreta a situação não irá mudar. Não podemos esperar mudança quando roubam na nossa cara e não reagimos. Um povo que não se respeita não merece respeito.

Devemos, então, recordar o falecimento da velhinha de Taubaté e encarar como um alarme, pelo qual somos convocados com urgência a reagir como povo mais participativo na construção da nação que vivemos. Se permanecermos do jeito que estamos, sendo roubados diariamente, apenas reclamando sentados no sofá de casa, dou toda a razão aos políticos. Um povo que não se dá ao respeito tem mais é que ser roubado.